

Educação em saúde: A temática do HIV na escola

Cisnara Pires Amaral

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI – RS

Eduarda Pires Amaral

Universidade Federal do Rio Grande - FURG – RS

Luana Casarotto de Borba

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – RS

RESUMO

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) já foi tema de grande preocupação, no entanto, nos dias atuais, observa-se que o tema é pouco difundido na mídia. As notícias atuais colocam a doença em evidência, principalmente no estado do Rio Grande do Sul (RS), como foi observado pelo site “Correio do povo” que traz a matéria intitulada “RS vive epidemia de HIV, com prevalência na Região Metropolitana”. Tal estudo, aponta que, em 2021, a taxa de detecção de AIDS no Brasil foi de 16,5%, enquanto no RS foi de 24,3%

Palavras-chave: HIV, Educação sexual, Preservação.

1 INTRODUÇÃO

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) já foi tema de grande preocupação, no entanto, nos dias atuais, observa-se que o tema é pouco difundido na mídia. As notícias atuais colocam a doença em evidência, principalmente no estado do Rio Grande do Sul (RS), como foi observado pelo site “Correio do povo” que traz a matéria intitulada “RS vive epidemia de HIV, com prevalência na Região Metropolitana”. Tal estudo, aponta que, em 2021, a taxa de detecção de AIDS no Brasil foi de 16,5%, enquanto no RS foi de 24,3% (CORREIO DO POVO, 2021).

O estudo, ainda, refere que a taxa de prevalência de HIV do país, como um todo, está em torno de 0,4%, já no RS esse valor é de 1% ou mais. Hoje o Estado se encontra em 3º lugar no ranking de pessoas infectadas, com mais de 100 mil indivíduos, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, com 140 mil indivíduos infectados, e para São Paulo, que lidera o ranking, com mais de 310 mil indivíduos com a doença, segundo os relatórios da UNAIDS (2021).

O Boletim Epidemiológico (B.E) de Porto Alegre, publicado em 2022, observa que, em 2020, houve uma prevalência de casos entre jovens de 12 a 17 anos, totalizando 455 casos, enquanto no ano de 2021, observou-se que esse número reduziu para 441 casos. Percebe-se, ainda, que a maioria dos casos ocorre entre jovens adultos, sendo que 35,2% destes encontram-se na faixa etária dos 20 aos 29 anos (PORTO ALEGRE, 2022). Dessa forma, torna-se imprescindível discutir com o jovem sobre essa epidemia, buscando formas de auxiliar as escolhas, principalmente, durante a adolescência.



A adolescência é um período marcado por muitas descobertas e vivências, entre elas a primeira relação sexual, a qual muitas vezes ocorre sem o uso do preservativo, o que predispõe à aquisição de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), entre elas o HIV. Apesar do número de casos de adolescentes infectados por HIV, ter apresentado uma redução sutil entre os anos de 2020 e 2021, o número continua preocupante, por isso acredita-se que essa demanda necessita de discussão (SILVA et al., 2022).

Desse modo, este estudo tem como objetivo promover a educação em saúde, verificando o conhecimento dos adolescentes acerca do HIV, explorando a importância da utilização do preservativo; os riscos da doença e a relação que o vírus tem com essa fase da vida. Além disso, através de uma revisão bibliográfica, pretende-se conhecer os índices epidemiológicos de HIV relacionados à adolescência, de forma que possam contribuir para a discussão sobre essa IST entre a população alvo, além de auxiliar na promoção de saúde e no desenvolvimento de criticidade entre os jovens.

2 OBJETIVO

Promover a educação em saúde, verificando o conhecimento dos adolescentes acerca do HIV, explorando a importância da utilização do preservativo; os riscos da doença e a relação que o vírus tem com essa fase da vida

3 METODOLOGIA

O trabalho ocorreu a partir da inclusão de acadêmicos dos Cursos de Medicina e Enfermagem, como coorientadores de um trabalho de Mostra Científica na escola de Educação Básica da URI, onde utilizou-se revisão narrativa da literatura (RNL), realizada por meio da busca de artigos científicos na Biblioteca Virtual em Saúde no modo integrado, selecionando publicações científicas das seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e na biblioteca virtual Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Para a seleção dos artigos, foram utilizados os descritores: “HIV no RS” e “HIV na adolescência”. Os critérios de inclusão foram artigos gratuitos e publicados entre os anos de 2018 e 2023. Foi realizada a leitura dos resumos e dos objetivos dos artigos encontrados na busca inicial a fim de selecionar os que estivessem de acordo com os objetivos deste trabalho.

Os alunos foram orientados pela professora regente e tiveram auxílio dos acadêmicos, que ocorreu de forma *online* pelo *google meet* e via *wattsApp*. Após a RNL, foi realizado um questionário *online*, distribuído nas redes sociais dos adolescentes, para verificar a incidência de adolescentes que utilizam preservativo e avaliar o conhecimento que possuem acerca da incidência e expansão do HIV.

O questionário aceitou respostas durante 5 dias. Após, foi realizada a interpretação dos dados obtidos, utilizando-se as referências bibliográficas para discussão. A atividade não foi encaminhada para o

Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), pois a escola possui autonomia para realizar atividades científicas com os discentes. Unidos de informações, os adolescentes apresentaram seu trabalho na XXIV Mostra Científica da Escola. Este artigo apresenta os dados relacionados a pesquisa, que ocorreu em consonância com acadêmicos e estudantes da Educação Básica.

4 DESENVOLVIMENTO

Iniciamos a discussão evidenciando os casos de Aids identificados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), a nível nacional no período de 2019 a 2022, observado durante os estudos.

Quadro 1 - Casos de AIDS notificados no SINAN de 2019 a 2022.

F. Etária	Nº Casos	Escolaridade							Sexo	
		Analfabeto	FI	FC	MI	MC	SI	SC	Masc	Fem
10-14	84	3	26	6	2	3	0	0	33	51
15-19	1.292	4	162	99	295	347	79	9	934	358
Total	1.376	7	188	105	297	350	79	9	967	409

FI = Fundamental Incompleto; FC = Fundamental Completo; MI = Médio Incompleto; MC = Médio Completo; SI = Superior Incompleto; SC = Superior Completo

Fonte: SINAN/ SISCEL/SICLOM

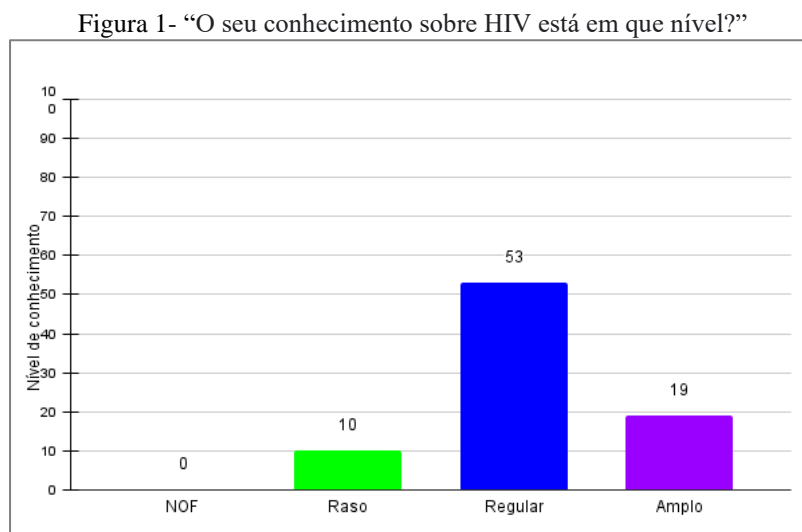
A tabela demonstra que durante o período de 2019 e 2022, foram notificados, através do SINAN, 1.376 casos de AIDS entre jovens na faixa etária de 10 e 19 anos. A maioria dos casos notificados se concentrou entre adolescentes de 15 a 19 anos, totalizando 1.292 indivíduos infectados, dos quais 72,29% eram do sexo masculino e 27,70% do sexo feminino.

Outrossim, no que tange a escolaridade dos casos, observa-se que 188 (13,66%) dos casos apresentaram o Ensino Fundamental incompleto. Já 105 (7,63%) dos casos, possuíam o Fundamental incompleto. Em 297 (21,56%) das notificações, correspondiam ao público que possuía o médio incompleto, já a maioria deles, correspondendo a 350 (25,43%) possuíam o ensino médio completo. Percebe-se ainda que 79 (5,74%) desses, apresentavam ensino superior incompleto e 0,65% ensino superior completo.

Diante disso, evidencia-se que os jovens em fase escolar, principalmente no Ensino Médio, estão mais suscetíveis ao contato com o HIV e a AIDS, considerando-se que esta é uma fase na qual ocorrem transformações sociais e biológicas. A partir dos dados do quadro observa-se a importância de investigar o conhecimento que os jovens tem sobre o HIV, muni-los com informações para que tenham discernimento, proporcionar a discussão do conhecimento científico para que sirva de base para escolhas; além de proporcionar diálogos e trocas com acadêmicos de saúde, instigando o cuidado, a criticidade e a educação em saúde.

Nesse intuito, determinou-se a produção de questionário *online*, o qual obteve 82 respostas.

A figura 1 relata o nível de conhecimento dos entrevistados.



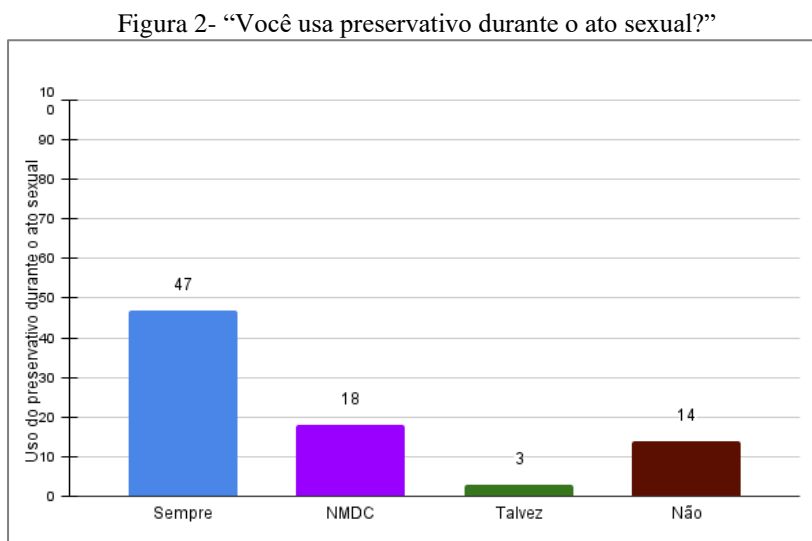
NOF = Nunca Ouvi Falar
 Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com o gráfico apresentado, percebe-se que 53% dos entrevistados tem um conhecimento regular sobre o tema. Esse fato demonstra que apesar do assunto ser abordado nas escolas, ainda existem muitos tabus, vergonha em relação ao assunto, mitos que precisam ser desfeitos e principalmente desconhecimento. Se realmente todos tivessem conhecimento sobre o assunto, não estaríamos vivenciando uma epidemia em relação a doença e não seríamos o 3º estado com maior número de casos.

Portanto, é necessário discutir, refletir e disseminar conhecimento sobre o assunto. Algumas barreiras que encontramos nesse assunto são: preconceitos internalizados e atitudes sexuais discriminatórias (COSTENARO et al. 2020). Costenaro et al. (2020) ainda citam: “Essa carência de conhecimento recai nas condutas de boas práticas para o cuidado com a saúde, deixando os adolescentes à mercê de doenças biológicas e psicoemocionais pela ignorância, ou ainda, pela aceitação de conceitos mal elaborados por amigos ou pela mídia.”

“As discussões sobre sexualidade e educação sexual com adolescentes, são realizadas há décadas, mas eram desenvolvidas de maneira sistemática. Inicialmente o tema não era abordado com a importância merecida, mas sim pelos inúmeros problemas que estavam surgindo relacionados à gravidez na adolescência, o uso de drogas por adolescentes, bem como a preocupação dos pais e professores com o aumento do número de Infecções Sexualmente Transmissíveis e o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)” (COSTENARO, et al. 2020).

A figura 2, aborda o uso de preservativos.



NMDC = Na Maioria Dos Casos

Fonte: Elaborado pelos autores.

O gráfico apresenta que 47% dos entrevistados utilizam preservativos, 18% usam na maioria dos casos, 3% talvez possam usar e 14% não utilizam. Importante salientar que se somarmos os indivíduos que utilizam de vez em quando, que talvez utilizam e que não utilizam temos 35%, índice preocupante e que poderá ser fator disseminador do vírus na sociedade. Acredita-se que o vírus está com a disseminação controlada, que as terapias anti-retrovirais não causam impactos na vida do ser humano, pois não se ouve falar sobre o assunto na mídia. Esses fatores acabam prejudicando as informações e provocando desleixo quanto aos cuidados em relação ao sexo.

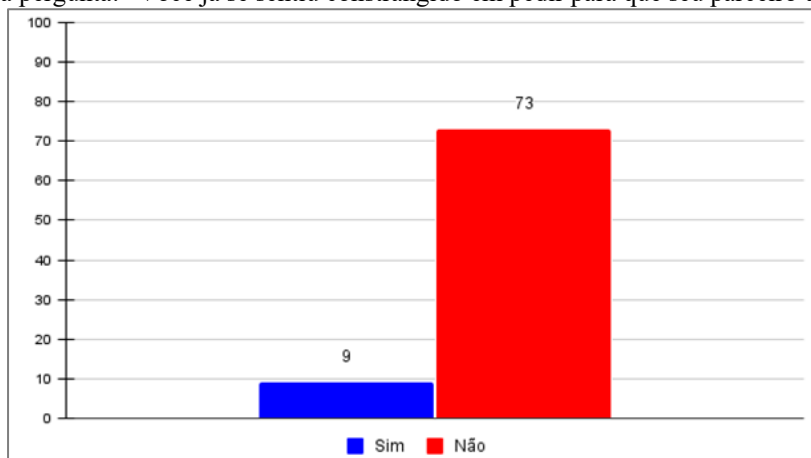
Ainda se deve considerar que mesmo cientes sobre HIV, 14% dos entrevistados não utilizam preservativo em todas as ocasiões, fato que pode ser atrelado a fatores, como: ficar constrangido em pedir a utilização; não possuir o preservativo no momento; pressão do parceiro; ignorância da pessoa; práticas culturais e/ou tradicionais e prostituição entre outros (BOSSONARIO et al. 2022).

Vieira et al. (2021) evidenciaram a falta de conhecimento de jovens acerca do uso de preservativos e do HIV, em contraponto, mesmo entre aqueles que possuem acesso à informação, observou-se baixa frequência do uso de preservativos, atrelados a baixa escolaridade, múltiplos parceiros sexuais e desinformação.

A inutilização de camisinha é um dos principais fatores que levam a contaminação por diversas ISTs, incluindo o HIV (MOREIRA, et al., 2021). Ainda, segundo o portal de notícias da UFRGS em sua matéria “Epidemia de HIV avança no Rio Grande do Sul”, após uma análise em cima do Boletim Epidemiológico de 2022, constata-se que Porto Alegre é a capital com maior taxa de detecção de transmissão vertical do vírus, 17,1 mil casos a cada mil nascidos vivos, esse índice é quase seis vezes a taxa nacional.

A figura 3 relata que o parceiro já se sentiu constrangido em pedir a utilização de preservativo.

Figura 3 – Referência à pergunta: “Você já se sentiu constrangido em pedir para que seu parceiro utilizasse preservativo?”



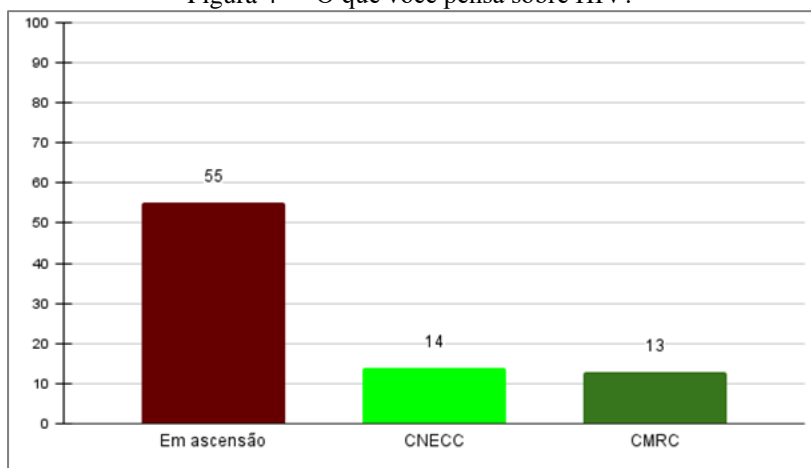
Fonte: Elaborado pelos autores.

Identifica-se nesse gráfico que 73% dos participantes não tem vergonha de pedir para seu parceiro utilizar o preservativo, já 9% se sente constrangida (o) em pedir para seu parceiro utilizar. Salienta-se que a facilidade de ter um parceiro(a) e as relações superficiais que se formam facilitam a disseminação de doenças, principalmente se os jovens não possuem discernimento em relação aos cuidados mínimos que devem possuir com sua saúde. Apesar da pesquisa demonstrar que não existe constrangimento, ainda é necessário lembrar que os jovens não estão utilizando preservativo sempre, de acordo com a figura 3. Então nos resta uma pergunta: senão existe constrangimento, por que muitos não fazem uso do preservativo?

Segundo Souza; Faria e Almeida (2022), em sua pesquisa realizada com 171 adolescentes, muitos alegaram não usar porque o preservativo incomoda na relação, outros disseram não usar por terem confiança no parceiro e, ainda, alguns alegaram não usar porque não gostam.

A figura 4 relata o pensamento do jovem, sobre o HIV.

Figura 4 – “O que você pensa sobre HIV?”



CNECC = Controlado, Não Existem Campanhas para Combate. CRMC = Controlado, a Mídia Reforça Curas.

Fonte: Elaborado pelos autores.



Percebe-se, que 55% dos jovens sabem que a doença está em ascensão, 14% pensam que está controlado, pois não há campanhas evidentes para o combate das ISTs e 13% acham que está controlado, pois a mídia reforça anunciando algumas curas e a falta de conhecimento induz as pessoas a acreditarem que o vírus não está circulando entre a população.

Observa-se que as reportagens veiculadas na mídia, muitas vezes, não deixam claro que, apesar de estarem ocorrendo avanços nítidos nas pesquisas sobre métodos curativos para a AIDS, ainda não existe um método que possa ser aplicado na prática médica com certeza de efetividade e segurança para os pacientes. Nesse sentido, por falta desse esclarecimento, o entendimento do público fica comprometido, o que pode contribuir para o desenvolvimento de uma percepção equivocada de que o HIV se tornou uma doença como qualquer outra, que possui cura e não tem capacidade de causar tantas consequências como as noticiadas há um tempo atrás, quando o vírus tinha acabado de surgir.

Um exemplo é a seguinte notícia, divulgada no site da “CNN Brasil”, cujo título é “Homem na Suíça se torna o sexto paciente curado do vírus HIV”. Entretanto, é válido destacar que as reportagens exibidas pelas mídias sociais apenas informam sobre progressos de estudos que estão em andamento, uma vez que não existe ainda uma prática curativa estabelecida no sistema de saúde.

Desse modo, a única certeza que temos é que mesmo com as terapias avançando, necessitamos de discussões e divulgação de conhecimento científico, e que, torna-se fundamental divulgar nas escolas a importância da utilização de preservativos como método eficaz para combater o vírus do HIV.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirma-se a importância dessa proposta e da discussão sobre HIV no mundo dos adolescentes, pois permite aos mesmos, discutir, questionar e fazer escolhas em relação à sua vida sexual. Conclui-se que as pessoas têm conhecimento, mesmo que raso, acerca de HIV, uso de preservativo e o básico sobre educação sexual, porém, ainda podemos observar pontos negativos, como: a ignorância dos indivíduos em relação ao uso de preservativos, a falta de percepção em relação a disseminação do vírus em diferentes grupos, a falta de orientação para fazer escolhas que podem impactar a vida, o excesso de parceiros, a facilidade de realizar sexo sem um parceiro fixo. Assim, é de extrema importância que campanhas e postagens sobre HIV e educação sexual sejam amplamente discutidas, afinal, é necessário que adolescentes discutam e se posicionem sobre o tema, para que, o RS não seja mais um dos estados com maior número de casos e para que as pessoas entendam a importância do tema e o impacto que pode trazer na vida de um indivíduo.



REFERÊNCIAS

BOSSONARIO, P. A.; FERREIRA, M. R. L.; ANDRADE, R. L. de P.; SOUSA, K. D. L.; BONFIM, R. O.; SAITA, N. M.; MONROE, A. A. Fatores de risco à infecção pelo HIV entre adolescentes e jovens: revisão sistemática. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, [S. l.], v. 30, p. e3697, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia de Vigilância em Saúde – 5. ed. rev. e atual. – Brasília, 2022.*

Departamento de informática do SUS (DATASUS). Disponível em <http://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude/tabnet>. Acesso em: 18 ago 2019.

COSTENARO, R. G. S. et al. EDUCAÇÃO SEXUAL COM ADOLESCENTES: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. *Brazilian Journal Of Development*, [S.L.], v. 6, n. 12, p. 100544-100560, 2020.

MOREIRA, G. B. C. *et al.* Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. *Portal de Periódicos da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais*, [s. l], v. 1, n. 5, p. 59-66, 18 ago. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual. Departamento de Atenção Primária e Políticas de Saúde. Coordenação Estadual de IST/Aids. *Boletim Epidemiológico: HIV/Aids e sífilis / organização Clarice Solange Teixeira Batista; Tatiana Heidi Oliveira - Porto Alegre: ESP/RS, 2022.* Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202109/02151825-boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020-versao-preliminar.pdf>. Acesso em: 18 de ago. de 2022.

SILVA, N. M. et al. Nível de Conhecimento de Adolescentes Sobre a Infecção Pelo HIV: uma relação com autocuidado e comportamentos de risco. *Enfermería Actual En Costa Rica*, [S.L.], n. 43, 18 ago. 2023.

SOUZA, C. S.; FARIA, S. C.; ALMEIDA, V. G. Comportamento sexual dos adolescentes escolares de redenção, Estado do Pará, Brasil. *Scire Salutis*, v.12, n.3, p.131-138, 2022.

VIEIRA, Gustavo Neves *et al.* O HIV/AIDS entre os jovens no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Health And Biosciences*, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 16-30, 28 abr. 2021.

UNAIDS. Estatísticas UNAIDS Brasil. Brasília: UNAIDS; 2019. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/#jp-carousel-21788>.

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/sa%C3%BAde/rs-vive-epidemia-de-hiv-com-preval%C3%A2ncia-na-regi%C3%A3o-metropolitana-aponta-estudo-1.1048221>

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/homem-na-suica-se-torna-no-sexto-paciente-curado-do-virus-hiv-anunciam-pesquisadores/>